



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV — N.º 388 — Preço 15
24 DE JANEIRO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

E o nosso bom Padre Euclides de Oliveira Morais continua desfiando lembranças suas, ou relatando as que ouviu de outros sacerdotes, então professores ou companheiros do seminarista Américo:

O Professor de Fisiologia, Rev. Alirio Gomes de Melo, hoje no Seminário de Aveiro, passou-lhes um exercício escrito. Versou sobre o hilemorfismo.

Falando comigo, disse-me: «O do Américo é sem dúvida, o melhor. Nem admira, dadas as circunstâncias da sua posição social... Que lhe parece da vinda dele?»

Encolhi os ombros, pois nunca havia penetrado em tal mistério. E ele voltou-me: «Para mim foi a dor que o trouxe».

Contacto íntimo com a sua alma? Maneira de escrever?, de tratar os assuntos na aula? Não sei. Quis esclarecer o assunto com aquele sacerdote, mas ele de nada se recorda já.

Outro contemporâneo, o Professor José Augusto de Miranda, diz-me que toda a prosa dele lembra Eça de Queiroz. Mas no Seminário não lia literatura de nenhum género. O seu livro era o Evangelho.

O Arcipreste de Soure, António Rodrigues Alexandre, confirma e acrescenta: «Nunca o vi estudar os sermões em nenhum livro, nem tinha apontamentos, nem esquemas, nem fichas. Mas o que sempre observei foi que uma hora antes ninguém lhe falasse, que não atendia. Buscava a igreja e orava diante do Santíssimo. Às vezes pegava no Evangelho durante esse tempo... Esta foi sempre a sua preparação».

O Padre Manuel Antunes, agora Pároco de Santa Cruz de Coimbra, junta que em estudante nenhum ontro livro lhe conheceu além da Sagrada Escritura. «E não lia! Meditava».

O actual Prior de S. Bartolomeu de Coimbra, Padre Augusto Nunes Pereira, apenas adianta que «o Américo leu e meditou profundamente «S. Vicente de Paulo» (ficando até de lhe dar o nome do Autor e Editores do livro). Mas acrescenta notícias de outras actividades de carácter cultural.

Havia um *Círculo de Estudos*, fundado por orientação do Rev. Dr. José Lourenço, O. P., Di-

rector Espiritual e Professor de Dogma. Funcionava na 3.ª Prefeitura, frente ao escritório do Prefeito, onde se organizava uma pequena biblioteca de livros mais actuais, tirados da Biblioteca Geral do Seminário.

Por proposta do Américo, iniciou-se uma série de pequenas palestras semanais pelos do seu curso e outros. Cada um sua semana. Assunto à escolha, mas prático. E não deveria durar além de cinco minutos...

O Professor José Augusto de Miranda, ao tempo seminarista, conserva algumas dessas palestras. Do Américo, porém, não tem nenhuma.

30.000 x 20\$ = 50 CASAS

Veio em hora francamente feliz aquela sugestão de uma leitora (cujas pistas perdi), dos 20\$00 por assinante para juntar 30.000 x 20\$ = 600.000\$, que dariam para 50 casas, à média de 12 contos cada.

É um magote de assinantes a dizer que sim. Alguns, mesmo, a dizer por outros que não poderão responder. Temos uma procissão dentro da procissão. E que dizer das legendas com que cada um se apresenta? Ocorre-me escrever *ladainha* — já que estas legendas são invocações de louvor e cânticos de amor de Deus vivo, vivido nos corações dos homens que fazem profissão de amor. No fim de cada uma, nós só sabemos murmurar: *Deo gratias*.

«Que a nota que junto seja já a n.º 22.862, ou que o venha a ser num futuro próximo — é o que do coração fica desejando o assinante 22.862».

«Desejando enfileirar na campanha dos 30.000, enviamos 60\$. Três Irmãs».

«Não sou assinante do «Famoso», mas como o leio todas as quinzenas, sinto-me impelida a dizer também «presente». Poderá a minha contribuição substituir a de qualquer assinante a quem não seja possível, materialmente, ajudar esta campanha. Uma portuense qualquer...»

Qualquer...? Não. Uma portuense de raça.

E o assinante 16.401 com os seus 20\$ e a sua aspiração: «Deus queira que outros enfileirem...» Qual não será a sua alegria ao constatar que são tantos

Todos conhecem a bússola mais a sua curiosa particularidade. Só em poiso calmo a agulha magnética encontra o norte.

A vida do homem no mar bulhoso do mundo, em meio de inclemências de toda a espécie perde o norte para o qual foi criado. Sômente em repouso, livre da procela, dá com Ele. Já, por duas vezes, aqui no Calvário, tive ocasião de observar isto mesmo. Chega o primeiro doente, da leva deles, desde que estou. Era um rejeitado. Um condenado à barraca, mais à fome e à tortura da doença. Veio. Tranquilizou o espírito. Às horas de desespero sucedem-se agora dias serenos, propícios à reflexão. Pede, pois, um livrinho onde possa reaprender quanto soube e lhe proporcionou, em tempos, a alegria de viver. Quer reviver. Não há momento em que se não veja o Ti-

os voluntários desta milícia de Amor!

Outro. Alto! A procissão tem de parar um pouco e escutar recolhida esta oração:

«Sou um leitor assíduo do «Famoso» e confesso que não
— Continua na 3.ª página



Lobato de olhos fitos no catecismo. É uma busca proveitosa e salutar.

Vem o segundo, o Senhor Daniel, das Pedras Rubras, e não me larga enquanto lhe não dou «a cartilha igual àquela por onde fizera a primeira comunhão». Ninguém lhes pôs o problema. Foram eles. Foi Ele. O nosso coração criado para Deus sômente n'Ele descansa. O mundo anda longe d'Ele, porque, ou voga nas águas altas da abundância e do bem estar, ou sofre a tormenta da miséria material e quantas vezes moral.

Como precisamos de tranquilidade e sobretudo de paz íntima para O encontrarmos e nos encontrarmos!

Os nossos doentes trazem a doença, acrescida de inviabilidade de cura. Não é clínico o lugar onde arribam. Não lhes prometemos a saúde, se bem que dedicação e amor. Mas eles reanimam-se. São felizes: coisa que o não eram. Eles lá sabem porquê.

Aqui está o Justo compensador da vossa generosidade, mais uma

vez a desfilar cêrtinha e tão amga por estas linhas:

«Já há muito que eu não apareço. A vida por vezes é dura. Peço ao Senhor que me converta e aos meus e nos dê resignação. Duzentos escudos para o Calvário. De quem muito lhes quero. Nunca recebemos tanto quando damos. Bem haja. Um humilde portuense manda ce para o Calvário. Outro tanto mais a quinta parte. Um Senho do Porto com mil escudos. Todo colhem do Evangelho a lição d anonimato no seu dar. De Avela: 50\$ por intençaõ da esposa. Coir bra vai com 200\$. É um vot cumprido. Um cobertor de Lor ga. De Braga três mil escudos. Não sei de quem se trata, ma ele promete tornar. Mãe da ass nante 13.047 com 200\$. Outr assinante do Porto com 50\$. O tro dali reparte connosco 150\$. Ainda mais outro com 500\$ pedido de uma prece.

A capital não quer ficar atrás do Porto, e apresenta-se cor 300\$, com 200\$ e com alguma notas de 20\$. Moçambique ma:

— Continua na 2.ª página

Cada freguesia cuide dos seus Pobres

Se cada freguesia tratasse dos seus problemas assistenciais, não haveria tantos mendigos pelas portas. O mendigo passou a fazer parte dos nossos costumes, quando deveria constar dos nossos hábitos ou resolver suas necessidades. Falta em muitas freguesias esta dimensão paroquial. A nossa fé não é consequente. Abandonamos os Pobres à sua sorte. Dormimos sossegados sobre estes problemas, porque não os conhecemos em toda a sua acuidade. Teimamos, por ventura, em dizer ou pensar que não há necessidade de organizar inquiridos, para conhecermos o meio em que vivemos. Mas, talvez, eles trouxessem uma salutar inquietação à nossa alma. Só nos inquietamos e tratamos de chamar os bombeiros, quando vemos a casa a arder. Se dormimos, poderá arder, que não nos preocupamos. Se procurássemos ver as diferentes necessidades da freguesia em toda a sua profundidade, talvez perdéssemos o sono.

Problemas da Caridade. Problemas da Fé. O peso dos números far-nos-ia cismar. O nosso zelo procuraria achar uma solução humana e cristã. A nossa inquietação levá-la-íamos às almas que nos pudessem valer.

As Comissões Paroquiais de Assistência, se se limitam a passar atestados de pobreza, antes merecem o nome de Comissões de Mendicidade.

Há tempos bateram-me à porta dois mendigos. Rostos desconhecidos, queimados do sol. Trataram de se identificar. Eis seus documentos:

«Atesto que F., de 30 anos de idade, solteiro, residente nesta freguesia, filho de ... e de ..., de profissão mendigo, não pode trabalhar por motivo de doença... 10/XI/1957».

Assinavam o Pároco e o Presidente da Junta.

As assinaturas vinham autenticadas pelos respectivos carimbo e selo branco. Posto à fala com este mendigo, foi-me dizendo

que, de saúde, ia «assim, assim». Não confessou, portanto, nenhuma doença. Contradiisse-se nas suas afirmações e revelou que esteve três anos no forte de Elvas.

O documento do seu compheiro dizia:

«Informo que B., solteiro, de 34 anos, residente nesta freguesia, filho de ... e de ..., de profissão mendigo, acha-se impossibilitado de trabalhar, por motivo de doença».

Datado de 12 do mesmo mês e ano, vinha assinado e autenticado como acima se disse.

Se não se trata de documentos falsificados, pena é que se passe atestados desta ordem. Aquele homem não podia trabalhar, não «por motivo de doença», mas porque a sua «profissão» era mendigo! Ora se tais documentos fossem passados por uma Comissão de Mendicidade...? Mas por uma dita de Assistência não consequente.

Padre Air.

A FAMÍLIA CRESCE



Em Miranda,
João de Torres Novas

Dois novos lares, se constituíram logo ao começar do ano. Dia 1 foi, pois, de dupla festa em Miranda do Corvo e em Paço de Sousa. Ali João de Torres Novas, que foi chefe maior e hoje é pintor de seu ofício. Aqui, Artur Floriano, nosso trabalhador em uma das secções da lavoura.

Rebentos novos, a dizerem da vitalidade da Obra que os gerou para uma vida diferente daquele vegetar em que jaziam quando chegaram.

Deus abençoe os nossos dois primeiros casais de 1959, e seja sempre neles o Rei, o Senhor, a Causa da sua alegria, o Fundamento da sua felicidade.



Em Paço de Sousa,
Artur Floriano

O que nos dão no Tojal

A gente vive de mãos postas a pedir a Deus o pão de cada dia. E ele vem-nos na chuva que rega os campos, no sol que faz crescer os frutos da terra e na pessoa que bate à porta para deixar alguma coisa.

Bendito seja Deus pelo pão de cada dia!

Da Maria do Espírito Santo, 200\$. E mais duzentos e sessenta. No dia de anos do Sr. Padre Carlos a 1.ª fornada numa Padaria nova do Senhor Moraes. Da Caixa de Previdência dos Transportes Automóveis, três prestações de 60. Um visitante com cem escudos, um fato, camisas e sapatos de ténis. A um vendedor, 50\$. O que ele e a gente houve de sofrer! A tentação do dinheiro é de toda a gente, quanto mais destes rapazes. Mais de visitantes, 50\$, 5\$ e 2\$50. Um embrulho de roupa e calçado. Outra vez visitantes com vinte e com cem, mais uma casa do Património e promessa de mais.

Assim Deus os ajude. Cem escudos «dum pecador» a pedir uma Missa por sens Pais e esposa. Cem de uma avó para o Calvário e uma telefonia. Duas bicicletas sem conserto; um fato novo; umas botas e duas pastas para os nossos estudantes. Cinquenta em vale; um fogão em bom estado, mais coisa e cinquenta escudos, mais um chale e muitos livros; mais visitantes com 25\$ e 6\$50. Da secção de Operários da Sonap. cem; uma mala com roupas no Lar. Três fatos dum Senhor Eng.º. Temos tanta necessidade de fatos! Os ladrões levaram os melhores que os rapazes tinham. Duzentos para as nossas Conferências. Vinte nas mãos dum vendedor para uma pobre mais pobre; cem e mais cem e uma saca com uma data de coisas. Uma senhora que acompanhava disse que gostaria de vir ajudar na rouparia com outras Senhoras de Lisboa. Quem as dera!... Quarenta a sufragar a alma dos pais de Manuel e Maria. Cinquenta com uma Missa de Acção de Graças e mais cinquenta do primeiro ordenado em cumprimento dum promessa. Roupa por um vendedor. Roupa, e sapatos e um fato novo, 6 camisas e meias de um Jorge. Em sufrágio da alma da esposa, mil

escudos; um visitante com 500\$, e do pessoal dos Produtos Lácteos, 235\$ e 185\$ e 275\$50. Uma carrada de coisas do Montepio. Tanta gente com o nome escrito no Céu! Uma Graça trouxe-nos 500\$. Visitantes, 50\$, 46\$, 5\$ e 2\$50 e 20\$. Alexandrino com duzentos. Por carta «meu e dela», 20\$. Mais um saco de castanhas e um borrego já amanhado, e três garrações de aguapé de vizinhos nossos. Pela conversão dum amigo, 100\$. Mais roupa de três irmãos. Uma colecção de «Cavaleiro Andante». No Montepio foram o «Casal de S. Jorge de Arroios» todos os meses com cem; a Alice com 50\$. E amigos com cem, cinco e cinquenta, mais uma lista de assinaturas pagas.

Os empregados da Mobil Oil todos os meses ou melhor todos os dias mostram a sua amizade e compreensão. Estão aqui com 1.265\$ e 1.476\$ e 1.210\$ e 2.856\$. A gente pode esquecer-se que eles mandam, mas eles nunca se esquecem de mandar. Deus os ajude. Um motorista da Picheleira mandou mil e tão feliz se sentiu no dar que na volta do correio enviou mais mil. Uma promessa cumprida com 50\$. No Lar um almoço a valer por dois, mais duzentos escudos e cinquenta para o Património. Vinho fino de dois amigos vizinhos. Quarenta camisolas para distribuir pelos nossos Pobres. Uma assinante paga com muitos retalhos de pano por alguém que faz o mesmo todos os anos. Uma visita dos parquianos do Coração de Jesus deixou-nos mil setecentos e tal, mais vinte e quarenta. Roupas de três irmãos. Um fogareiro da Cidla. Em Moscavide livros da Escola, um sobretudo e uma pasta que foi dada com sacrifício. Eu reparei. Um guarda chuva que tanto jeito nos fez enquanto não lhe deitaram a mão. Da Câmara de Loures três mil escudos que naquela data vieram a matar para a fêria dos operários. Dum anónimo na Igreja de Fátima duzentos. Roupas e uma telefonia pequenina e mais coisas de Lisboa. Mais cem escudos na mão do Sr. Prior. 300 de promessa; mais 50.

De Isaura, quinhentos. Homenagem dos Empregados da Alvarez ao seu Patrão, cento e vinte. De quem amontoa todos os meses, dez escudos. «Meu e dela», vinte. Visitantes com 90 e muitos bolos no dia de anos do Luís. Outra promessa com setenta. Para o Natal cem. Dum Senhor que veio de carro, 600\$. Do Montepio seis camisolas de lã, duas peças de flanela e mais coisas. Mais um saco e um embrulho com roupas e duas camas completas. Cinquenta e 300 para os nossos Pobres, mais 50 e um banco de carpinteiro com todos os apetrechos. De Coimbra para os nossos Pobres, 50. Mais uma telefonia, que foi logo disputada. Boas Festas com 50. Antibióticos da Novil. Agasalhos para os maiores e 200. Da Sociedade de Representações Cerce, 500. De Spínola, 6.300\$. Aida 110\$. Dois pneus da Purfina. Cem e metade e dois fardos de bacalhau para a consoada. Dois cestos de pão fino. Grémio do Arroz, 500. Mais camisolas. Por

BELEM

«Uma casa de família para as sem família».

«O Homem põe e Deus dispõe» — ditado profundamente verdadeiro este!

Assim, com o grande mistério da nossa redenção na Pessoa de Jesus Cristo, o Homem, inteiro e sem mácula, entregou-se nas Mãos do seu Criador e Senhor. E Deus, servindo-se dessa alma, dessa carne e desse sangue humano operou a maravilha da redenção da Humanidade pecadora.

Também para que o Filho de Deus tomasse a natureza humana foi necessário que a Virgem Mãe pronunciasse o seu fiat de doação total. E depois que isto aconteceu, com que amor e desvelo não trataria a Senhora de tudo prevenir e preparar, para que ao Seu Menino nada faltasse, quando viesse à luz! Porém, o Pai do Céu quis que Seu Filho nascesse na extrema pobreza e no maior desconforto, pelo que tudo dispôs para que assim acontecesse, apesar dos cuidados da Mãe.

No caso do nosso «Presépio Vivo», tudo se foi preparando para que as pequeninas, ao chegarem, encontrassem ambiente acolhedor. Mas... «o homem põe e Deus dispõe!» A Sagrada Família, nossa protectora, quis fazer-nos participar um pouco das dificuldades e incómodos por que passou, naquela Noite Santa. Certamente para nos conceder uma maior parte das graças que Jesus, pelo Seu nascimento pobre e humilde, mereceu para os homens.

Mas a alegria e boa disposição rompeu através de todas as dificuldades: «Gostais de aqui estar?» — «Gostamos, muito!»

Por tudo, muito agradecidas estamos à Sagrada Família, cuja festa se celebra hoje, dia em que escrevo estas linhas. Na Santa Missa foram lembradas as necessidades espirituais e temporais de todos aqueles de quem temos recebido auxílio e que já fazem parte da nossa família. E esperamos firmemente a constante protecção de Jesus, Maria e José, para que, durante este primeiro ano de vida, «Belém» consiga o

desenvolvimento necessário ao desempenho da missão que se propõe.

Segue agora a relação do que temos recebido.

Do Senhor B. C. de Faro, um vale de cem escudos. De funcionárias dos C. T. T., de Lisboa, roupinhas para bebé, sem faltarem as fraldas. Num canto das fraldas, bordada a palavra «Bébé». Eu até ia a ler «Belém», o que não deixava de estar certo, porque a nossa Obra é ainda realmente «Bébé». Duma Irmã Maria mais roupinhas de criança e uma manta de trapos com a nota de que «está cuidadosamente desinfectada». Ora eu agradecia muito que não esquecessem tal informação todas as pessoas que mandem roupas usadas. Doutra modo, para prevenir a falta de qualquer, vejo-me obrigada, em consciência, a mandar as roupas à desinfectação, o que acarreta trabalho e despesa. Dum Senhor das Minas da Panasqueira, 100 escudos, «fazendo votos para que consigam levar a bom termo tão preciosa tarefa». De G. Maria, de Lisboa, vale de 100. Du-

ma Amiga de Sintra, que me quer ajudar a levar a Cruz, mais 100. De Vila Nova de Gaia, um Casal a dizer que quer oferecer a louça de mesa e a pedir relação do que precisamos. De M. B. do Porto, 20. De «uma anónima», 50. Das empregadas de Lingerie da Casa Barros, 30, com pena de não mandarem mais. Mais 320 escudos. Mais 250 de Coimbra, em cheque, por intermédio do Sr. Padre Horácio, com estas palavras: «Agora as Casas do Gaiato vão ficar a olhar; vai tudo para Belém!...» (Quem desconhecesse o espírito dos Padres da Rua até havia de pensar que estava com dores de cotovelo...) Mas logo acrescenta: «Deus queira que os homens depressa conheçam e amem a Obra. Deus já a conhece». Duma Família de Viseu, um fogareiro de petróleo. Bom jeito nos tem feito. Quem cá dera outro! Da senhoria da nossa casa, três bibes. Da Casa Nestor Vidal, de Viseu, pratos de esmalte e grandes descontos nas compras. Da Casa dos Lanifícios, uma linda camisola de lã e bons descontos. E, quanto a descontos, dum maneira geral temos sido bem atendidos por todos os comerciantes a quem os temos pedido.

Deus lhes pague!

Inês

— Continua na 1.ª página

ca presença. Um amigo dos Pobres com 100\$. Outra vez o Porto com 30\$. Mais uma carta com 250\$ e «orem por mim». Um admirador dedicado do Funchal com 100\$. Da Golegã mil escudos. No Espelho da Moda, 50\$. Lisboa torna com 600\$ e 110\$. De Ovar a intenção de sempre, 20\$. Leça da Palmeira entrega um donativo. Tondela outro tanto. A assinante 8.993 vem com 200\$. Da Beira, Ultramar, 200\$. Vila Real com 350\$. Não sei donde, 20\$. Uma Emilia de Lisboa aparece com 100\$. Castelo Branco com igual nota. Estarreja outro tanto em atenção ao Ti Lobato. E ainda a mesma parcela da humilde portuense «pela saúde do meu bom marido».

Como a caridade não faz acção de pessoas, estas vão aqui ao lado das cidades, das vilas e das

Calvário

aldeias, aparentemente tudo a esmo, mas cada qual com seu lugar bem distinto e conhecido do Alto. Torna a nossa capital com 250\$ em acção de graças; com 50\$ para desobriga; e o mesmo para os doentes da nossa casa. S. João da Madeira com 20\$ para a iniciativa do inesquecível Pai Américo. Famalicão com 50\$. Nampula, 100\$. Para as rabanadas dos doentes, 50\$. Uma «portuense qualquer» com 20\$. Do Barreiro, 50\$ de promessa. «Por minha mulher e por mim», 100\$. Os beneficiandos segundo o nosso dar somos nós próprios. Mais promessa de 100\$. Para a velhinha de Beire que pede uma saia, uns metros de pano. No Liceu da Rainha Santa Isabel, 50\$. «Co-

memorando vinte e dois anos de casada mando 500\$». Mais 50\$ e mais 20\$. «As abelhas» andam em labuta. Cá chegou um extractor de mel, proveniente de Cascais. Vem a caminho uma colmeia. Os rapazes já saltam. Para estes mais 20\$ de Alice, 25\$ de Pardelhas e uma lembrança de Torres Vedras.

Quero deixar aqui um pedido, o primeiro pedido. Talvez pareça estranho, mas vai. Preciso de tabaco. Eu não fumo; mas eles sim, o Ti Lobato, mais o Sr. Teixeira, Daniel e Mendonça. Não se façam esperar e quando vierem metam-lho nas algibeiras. Mas lembrem-se que o fogo em breve tudo devora.

Padre Baptista

P. S.: Pe. Baptista não me tem largado por uma máquina de escrever. Há aí quem lhe acuda?

30.000 x 20\$ = 50 CASAS

— Continuação da 1.ª página —

sei por qual das Obras de Misericórdia por Ele perfilhadas, sinto maior admiração. Elas são tantas e tão variadas que se torna difícil tomar uma pendência, sem nos sentirmos desolados por não ser possível dar a todas elas o nosso apoio material.

Lê-se o artigo «Barredo» e fica-se com a alma confrangida. Lê-se o «Calvário» e que diremos? Do «Património dos Pobres» nem se fala! E a propósito, vem aquela ideia de alguém que pensou nos 30.000 leitores x 20\$ = a 50 casas!

Eu não tenho casa minha. Vivo numa casa alugada e por mal dos meus pecados, quase em ruínas. Não posso mudar-me e sahem porquê? Porque tenho esposa e 3 filhos e não posso pagar 700 ou 800\$00 de renda por mês, que é o que agora se pede por qualquer andar. Mesmo assim, já contribuí para a construção de uma que já foi inaugurada em Penafiel. Mas, porque achei a ideia genial, aqui quero juntar também a minha contribuição. Junto pois 40\$00 que podem ser simplesmente aplicados para esse fim, ou, se acharem melhor, 20\$00 para o «Património» e 20\$00 para uma visita ao «Barredo» de mãos mais quentinhas.

Se as minhas posses fossem outras, e se o dinheiro me não tornasse aváro...

De Ninguém.

Onde se encontra isto, meu Deus?! «Ninguém»... «Uma qualquer»... E anda por aí o mundo a proclamar grandezas, sem dar fé da única verdadeira, porque de vida eterna, destes *Ninguéns*, destas *Quaisquer!*

Do Comando da Guarda Republicana alguém responde «pronto ao bem justo apelo, feito no nosso Gaiato de 15 de Novembro». E sempre a mesma inquietação arrastante: «Deus queira que muitos digam pronto...» O Gaiato está revelando à cristandade mortícia de Portugal braseiros onde o fogo nunca se extinguiu, o fogo da Caridade autêntica que abraça de uma vez só a glorificação de Deus e o amor operoso do próximo. Agora é a nossa vez de ajoelhar e de pedir: Senhor, vem, não demores; e so-

uma graça e por alma de meu pai, 500. Estávamos no palco atarefados. Nem houve tempo de agradecer. Produtos Farmacêuticos, 100. Cinquenta camisolas e 30 cachecois e 500. Mais cem e três bacalhaus dos grandes. Padaria Morais 500\$, bolos-rei e pão fino. No Montepio mais camisolas e roupa. Dos filhinhos de um Eng.º amigo, 100. Visitantes da Casa Pia, 20. Cavacas das Caldas e mais 50. Da Cecil, 200. Da Fábrica da Abelheira, mil. Delmira, 200. Santos Lima, mil. Pratas, 500. Antigo companheiro de Pai Américo, 200. Casimiro, 100.

Graças vos sejam dadas meu Deus pelo pão de cada dia!

Padre Zé Maria

pra estes braseiros de Vida; e alaga o mundo com o incêndio do seu amor — que é reflexo do Teu Amor.

Um sacerdote, um grande sacerdote, lá do meio da planura alentejana, levanta a voz: «A campanha dos 20\$ por assinante é uma excelente ideia. Eu também quero entrar na ronda». E o maroto já vai marcando a vez para 30 «deles» de que precisa para casas na sua freguesia, em 1959.

Do Porto, Rua Cunha Júnior e R. da Baía mais dois assinantes a cumprir. É o n.º 1251; e o 30.107; e o n.º 9956; e um de Fuste; e outro não sei donde; e dois de Sabogueiros; e duas de Penafiel «e oxalá todos se des-sarrisquem». Um de S. Pedro d'Alva e ...:

«Sou pobre e gosto muito da Obra de Pai Américo pois é ótima para os pobres e para os ricos, que também são filhos de Deus e oxalá que estes fazendo muito bem à Obra de Pai Américo venham do mesmo modo a ser ricos na eternidade. Pois se é algo lamentável neste mundo um rico vir a cair na pobreza, quanto pior não será o caso de pessoa rica neste mundo vir a ser pobre na eternidade?»

Por isso eu diria às pessoas abastadas: Senhores, já que Deus vos pôs ricos neste mundo, sede também ricos na eternidade; mas para isso é necessário fazer muito bem aos pobres».

Catecismo; livro de horas; pontos e pontos de meditação... — Ó que revoluções não provoca este desordeiro de «O Gaiato!» E que frutos ele não colhe da sua sementeira!

Agora é o «casal assinante n.º



A época do Natal é sempre uma afirmação da presença de Deus no mundo. Não há grego, nem troiano, nem gentio que fique indiferente. Marca o maior acontecimento da História: a Encarnação do Filho de Deus; Deus feito homem e Irmão de todos os homens. Daí ninguém ficar indiferente.

E como Deus se manifestou por Amor, assim os homens nesta quadra procedem por amor.

Não há instituição de Beneficência que não sinta com muita alegria a aproximação do Natal. Muitas facturas vão ficando para trás à espera; muitas necessidades aguardam vez. Jesus volta e com Ele vem a alegria dos Pobres.

Cem de promessa em Leiria a um vendedor; roupas e calçado na mesma terra; mais duzentos idem. Cem dum sacerdote, mais cem doutro, mais cem, mais duzentos, mais cem, mais vinte, de Mira e sua praia, a mais atraente de Portugal. Cem ao vendedor em Castelo Branco; mais um embrulho de roupas na mesma cidade; mais cem do

28.562». Podiam dizer o ou a assinante. Mas não. O casal é uma unidade mais rica. Este, além da devoção da campanha, aparece com mais cem, 3.ª prestação da casa que andam a subir.

Um amigo de Lisboa; outro de Espinho; outro vez Lisboa; e Oledo; e 4x20\$00 de alguém, por quatro assinantes novos que ele mesmo converteu e «Faço votos em Deus que só tenham parança quando do solo da nossa Pátria tiverem desaparecido todas as barracas e quejandas habitações tão indignas de nós e principalmente de quem tenha a boa vontade de ser cristão, porquanto, avaliando por mim, ser verdadeiramente cristão é objectivo bem difícil de alcançar».

Mais Lisboa com «aí vão 60\$ por conta de alguns que não podem contribuir». Argumentos a proclamar a Comunhão dos Santos. E «Pecadora» acrescenta: «Tenho muita pena de não poder ajudar mais, mas agora pelo Natal tive muitas ajudas, graças a Deus, e por isso aí vai essa migalhinha. Que Deus abençoe sempre essa maravilhosa Obra».

Com a benção de Deusuplicada e merecida por tantas almas assim, como não há-de a gente senti-lo e sentir o nosso nada! Cruz, da Beira, manda por si e 20\$ de A. M. e «que Deus toque no coração dos 30 mil leitores e as 50 casas passem a ser realidade».

Lisboa, de novo: assinante 28.933. E outra vez Lisboa: «14 empregados da Companhia dos Telefones desejando associar-se à campanha dos 30.000, enviam 280\$00». E a Francelina de Leça do Balio. E do Dundo: «Oxalá todos sintam o que eu senti e se obriguem a dar. Envio o único dinheiro que possuo, mas que não me faz falta nenhuma pois tenho tudo quanto preciso. Portanto o que dou não tem valor, pois é dado sem sacrifício».

CAMPANHA DE ASSINATURAS

«COLABORANDO D'ALMA E CORAÇÃO»

A frase titular, se não é por todos repetida à letra, des-cobre-se facilmente nas entrelinhas das muitas cartas recebidas.

Na verdade, uma Campanha desta natureza, se não fosse d'alma e coração seria nada.

Que oferece «O Gaiato» em troca do vosso amor? Amor. O Amor de Cristo. De Cristo que vive crucificado, quiçá a teu lado, e não davas por Ele se não fosse ele, o pequenino desordeiro que dá pelo nome de «O Gaiato», e que vem sendo ao longo dos tempos às avessas dos mais. Não pactua com a vulgaridade. Não se lhe dá dos trambolhões do mundo. Não faz sorteios, nem prémios, nem listas d'honra. Pelo Nome de Cristo, só Cristo em troca. Por isso «sou amigo e sincero leitor do Gaiato que tantos momentos de alegria íntima tem proporcionado à minha alma». Quantos milhares a dizer o mesmo, a dizer todos os dias! Ele haverá algo que pague «tantos momentos de alegria íntima»? Quem não compreender assim vomita o jornal, como aqueloutro que, segundo nos informam, «suspende, alegando que o jornal não traz histórias. Este assinante queria histórias talvez da Ca-rochinha. Não vê ele que o jornal vem cheio de histórias, mas histórias que são a realidade da Vida? — E continua — Enfim, há mentalidades para tudo, e o remédio é haver paciência. Em contrapartida envio a direcção de mais três assinantes». A carta é de um Colaborador em Margaride (Felgueiras), de aqui mesmo ao pé da porta! Vejam como a desistência de um gerou o nascimento de três. Não é caso raro cá por casa.

Aí vai mais outra — esta do Porto — cuja publicação tem sido adiada por falta de espaço e hoje segue tão fresca como na maré da chegada. Ei-la:

«Estando hoje num «café», onde entrou um gaiato a vender o jornal, notei que a maioria dos fregueses recusou-o com um gesto de incómodo, de indiferença, ou de desdém. Alguns dos recusantes liam outros jornais; e quase todos leitores, novos ou idosos, tinham os jornais abertos nas «páginas desportivas».

Aliás, tenho assistido muitas vezes a esta cena em cafés, em carros eléctricos, à porta de igrejas e em qualquer lugar, de mais denso trânsito ou estação, na rua.

Então ocorreu-me esta ideia: Se o vosso jornal fizesse uma extração maior de um certo «número» e pusesse, na primeira página, em destaque, esta legenda:

— «Este exemplar deste quinzenário é dado a quem não quiser comprá-lo, para que possa apreciar o que este jornal é.»

Talvez os beneficiados (pela dádiva do preço e muito mais pela substância da «mercadoria» — esta palavra é perigosa, mas passou-me), ficassem compradores assíduos e leitores atentos de «O Gaiato». E assim lucrariam todos.

Leitor assíduo e grande admirador, que muito tem aprendido no «Gaiato».

Ó carta formosa! Sobretudo pela Devoção. É de um «Leitor assíduo e grande admirador, que muito tem aprendido no «Gaiato»». E isto diz tudo. Só a Devoção por uma Causa leva os homens a não sossegar até que os outros aprendam e saboreiem — e amem.

Uma vista de relance pelo arraial e temos a mesmíssima agitação! Tanto que o Avelino queixa-se: «Não faço outra vida senão abrir fichas novas!» ó queixa agradável! Graças a Deus.

Mais terras de que ainda não falámos mas que anda por lá muito fogo: Setúbal, Bragança, Melgaço, Mira (a terra dos Snr.s Padres Horácio e Acílio!), Gaia e arredores, Dagorda — Óbidos («esta povoação despertou agora...») Mais vale tarde que nunca., Ribeiros—Fafe (a terra do Snr. Padre Zé Maria!) «Podia ter arranjado muito mais, mas, para já, só arranjei estes — 6 — que tenho a certeza de não constituir peso morto. Todos estes Senhores conhecem o Snr. Padre Zé Maria». Excelente! E mais e mais e tanto mais que o melhor é ficar por aqui não vá o jornal ser por nossa conta.

JÚLIO MENDES

muito amor; mais dez; mais vinte; mais cinquenta; mais 212\$ de um grupo de estudantes; mais vinte; mais vinte; mais a mala de roupa dos Senhores que vêm de há muitos anos na tarde de Natal.

Coimbra vai passar agora. Seja no Castelo, ou pelo correio, ou entregue à mão, ou levado ao lar: Trezentos para a Conferência, Calvário e Património; dez dum pai pobre e doente; um embrulho de roupinhas; noventa de um pequenino aumento de ordenado do Pessoal do Sanatório de Celas e cinquenta dos

doentes do terceiro andar e passadeiras para o nosso Lar. Quarenta, mais assinaturas, mais vinte, uma camisola, mais mil para Belém e Património, e dum voto, no Castelo. Trezentos, mais quatrocentos da Maria Helena e Maria Isabel; dois mil e quinhentos do subsídio anual da Câmara. Este ano foi só metade, mas ficamos certos de uma amizade leal. Mil e quinhentos à mão fechada; quinhentos levados ao nosso Lar; roupas e mais roupas e calçado de Mestre muito amiga; vinte por alma da

— Continua na 4.ª página

Inauguração de «Belém»

Belém, há 1959 anos. Maria, trazendo no ventre a Jesus, na companhia de José, não teve porta que se lhes abrisse. Para eles não havia lugar na estalagem. A época ia boa para o negócio. Não se perdia tempo com quem não apresentasse credenciais. Assim, Maria, José e o jumentinho fugiram do barulho da cidade. Foram acolhidos numa cortelha de animais. O mato, a palha na mangedeira e os animais, foram os primeiros a prestar reverência a Deus Menino. As turbas continuavam a passar sem dar fé. E Jesus nos braços de Maria. Avisados pelos querubins, os pastores acorreram à lapinha. As pessoas humildes são as primeiras. E as gentes continuam a passar...

Assim nasceu Belém, uma Obra para meninas sem lar, com o patrocínio da Obra da Rua, pois a sua doutrina é a mesma.

Snr. Padre Carlos, Nascimento, Perro e nós, saímos de manhãzinha de Paço de Sousa, no dia de Natal. Já estávamos enjoados de tanta curva. Só o Snr. Padre Carlos ia bem. Depois o Nascimento começou a armar que conhecia Viseu, mas, vá lá, que já sabia onde era a R. Direita. Era um cicione muito fraco.

Quinta da Calçada fica mesmo colada à cidade, em Vilademoinhos. Além, a cadeia, suas grades, os homens a quem um golpe de infortúnio lá levou, o aspecto sombrio! Aqui respira-se um ambiente de Paz e Pobreza, tal e qual a Família de Nazaré que são as quatro primeiras meninas e a Senhora D. Inês. Não é pela violência. Não é a pão e água. Não é com grades. As portas das cadeias, fortes..., fecham-se com Amor. Belém abre suas portas para nos receber a todos, para fazer pulsar nossos corações com mais ímpeto, para fechar a porta à inferioridade humana, à vida animal de seres compostos de corpo e alma.

A semente foi lançada. Vai começar a germinar, em lugar invejado pelos poetas. Árvores em abundância fazem a cerca. Em baixo as calmas águas do rio, saltitando de lage em lage, vão levar sua canção ao mar.

«Belém», é o mesmo Belém. A pobreza da casa, apenas com umas palhinhas, iluminadas à luz baça do candeeiro a petróleo. Diz-nos que estamos em Belém. As almas cândidas das meninas que são as primeiras a habitar o presépio. Humildade na sua inauguração. Não estão as autoridades, os governadores, o povo, o barulho, a festa, as bandeiras, a música. Apenas os pastores, na pessoa do Snr. Padre Carlos, para reverenciar o Menino na pessoa humilde daquelas crianças inocentes, que trazem a SS. Trindade no peito. Penedos, mato, carreiritos, folhas mortas a beijar o solo, os passaritos a espreitar de cima dos galhos. Foi ali que parou a estrela. Ali foram guiados os pastores. Ali irão os rebanhos. Ali virão os reis para incensar Jesus Pobrezinho!

Aquela manhã frígida de Dezembro. A discreção do lugar. A Pobreza da Capela. A humildade do celebrante que colocou Belém

na patena e a ergueu ao Alto. A humildade das pessoas que testemunharam o acto. O presépio pequenino de onde estava o Deus Menino a rir-se. Não havia tapetes. Panos caros. Pessoas a mais. Não cabiam no lugar. Belo porque pobre de nascimento. As árvores caducas também falavam verdade. Pai Américo lá tinha os olhos. Estava presente, pois os frutos da árvore que plantou começam a amadurecer. Agora urge dar a prová-los aos outros. E todos beijaram o Menino. E ficaram mais meigos. Lá estavam as pequeninas. Sem elas não era Belém. Outrora os querubins anunciaram a Boa Nova aos pastores. Tudo era pobre. Tudo encantado. Até os que ajudavam o sacrifício, por se enganarem nas respostas. Tudo pequeno, singelo, para ser expressivo!

Estávamos todos à mesa. Cada um em seu mocho. A mais pequenina teve de ter mais uma cesta em cima para chegar ao prato. Humildade, as colheres, os pratos, o almoço. Não sabemos o que seria o almoço. Não sabemos o que seria o almoço de José e Maria, mas calculámos andar muito perto.

O Snr. Padre Carlos lembrava os princípios de Pai Américo. A nossa Obra nasceu com um caldo quente a quatro, no dia do Santíssimo Nome de Jesus. Também nasceu em Belém. Ele estava contente. A Senhora D. Inês também. As meninas e nós.

É esta a resposta dada aos chamados poderosos. Aos arrogantes e indiferentes da nossa terra. E a resposta dada aos grandes, escritores que mais não vêm do que a ficção em que estão envolvidos. Aos que compram títulos para usar nos impressos. Aos biógrafos que só vêm nos outros que criam e vivem uma mentalidade própria, esforçando-se para que o mundo gire em torno do seu mundo. Quem olha e não vê Belém, é vítima da sua imaginação doentia.

Daniel Borges da Silva

Visado pela
Comissão de Censura

Tribuna de Coimbra

— Continuação da 3.ª página —

Mãe e melhoras do Pai; cento e cinquenta no Lar; mil e roupas do Governo Civil; oferta de duas pequenas facturas de solas e cabedais e mais cem; roupas e cinquenta; cinquenta a pedir duas missas que celebrei; uns sapatos de luxo na Diplomata; a oferta da Fábrica de Curtumes; os quinhentos da Auto-Industrial; os mimos da Triunfo; as coisas para as broinhas e batatas dum armazém amigo; roupas levadas ao Lar; mercearia dum amigo que costuma; cinquenta do nosso médico sempre ao dispor; cinquenta no Lar; cem dum armazém; duzentos da Senhora de muitas vezes e de há muito anos; uma peça nas S. de Fazendas; um embrulho de roupas para os pobres; gabardine,

SETÚBAL

É a segunda vez que escrevo para o nosso jornal. Em primeiro lugar vou fazer das Casas dos Pobres que estão prestes a ser entregues às famílias escolhidas de entre as famílias pobres. Os leitores já devem fazer uma ideia quais são, visto já ter sido falado no jornal: a família da toca. Aqui há dias fomos visitar com o Snr. Padre Acílio a família da toca. Quando lá chegamos começamos a falar com os habitantes da caverna. Diz o Snr. Padre: «então como vos tendes arranjado com a chuva?» O chefe de família responde: «temo-nos amanhã muito mal porque várias vezes temos de nos levantar de noite para tirar com uma lata a água que dentro de casa empoça». A cara dos chefes de família dava sinal de doença e nós no meio de tão grande desconforto sentiamos-nos mal. O pai era pescador mas os companheiros desprezavam-no dizendo que ele já não tinha forças para trabalhar, mas ele afirmou-nos que ainda não tinha medo de trabalhar ao pé de rapazes novos apesar de ter 52 anos.

— O ano de 1958 foi um ano razoável no qual não houve muitas ar

PELAS CASAS DO GAIATO

relias na nossa Casa. No mesmo ano alguns rapazes começaram a ganhar e outros a estudar. Os rapazes do ensino primário que no mesmo ano fizeram exame, uns da terceira e outros da quarta, passaram todos bem.

— No dia em que o Victória de Setúbal fez anos mandou-nos um cartucho de rebuçados e algum tempo mais tarde, ofereceu-nos duas bolas para que o G. D. C. G. pudesse um dia mais tarde vir a ser um clube bastante forte. Viva! Viva! o Victória.

— Nós queríamos fazer também um pedido aos nossos leitores; eram umas luvas que nos faziam muita falta por causa do frio que apanhamos nas bicicletas quando abalamos de manhã para o Liceu.

— Dois rapazes que se encontram na resinagem na Marinha Grande, o Russo e o Armindo vieram cá passar o Natal e o Ano Novo em companhia da sua família que é toda a Casa do Gaiato.

Dos três estudantes

MIRANDA

No dia de Ano Novo, dia 1 de Janeiro deste ano de 59, tivemos aqui uma grandiosa festa, das maiores que na história desta casa e de baixo dos seus tetos se têm realizado — o casamento do João António Alva Domin-

gos, o «João de Torres Novas». Foi o primeiro gaiato que se casou na nossa capela.

O João chegou a nossa casa, vindo da Chamusca, onde reside actualmente, na véspera do seu consórcio e no dia seguinte chegaram as pessoas de família e a noiva.

O casamento que ele quis que fosse na nossa capelinha, realizou-se por volta das 11 horas à Santa Missa, que foi cantada vibrante e entusiasticamente. Em todos os corações reinava a alegria. Deus acabava de unir santamente aqueles dois numa só carne, num só coração. Qual Adão, o João acabava de receber de Deus a sua companheira. Eis o motivo da nossa alegria. No fim da Santa Missa, tiraram-se algumas fotografias e seguiu-se o almoço, almoço da festa evidentemente.

O Senhor Padre Horácio usou da palavra, manifestando a sua alegria paternal, por ver um dos filhos constituir o seu lar, ao abrigo da casa materna. É que o João, há já muitos anos que não estava em nossa casa, mas nunca se tinha afastado dela. Desde que saiu definitivamente, foi sempre dando contas da sua vida e sempre que podia, aí estava o João para ganhar forças, matar saudades,

Depois fomos a outro sítio onde entrámos numa barraca simplesmente horrível. O pai não estava. A mãe com o filho mais velho doente e ainda com mais duas ou três criancinhas, estava prestes a ser de novo mãe. Entrámos para ver o que estava de cama mas não pudemos permanecer por muito tempo dentro da barraca tal foi a aflição que das Senhoras se apoderou. Logo à entrada era um compartimento apertado onde estava um monte de lenha moçada. Para se atravessar para o outro compartimento havia uma tábua, pois o chão era um charco autêntico. No outro compartimento, estava fumo e cheirava mal. Era onde estava o doentio. A renda daquela barraca, pior que os currais dos nossos animais, custa-lhes sessenta escudos mensais. Aonde tem esta gente o dinheiro, se o homem tantas vezes não tem trabalho?... Estão para ali abandonadas, entregues à miséria. Graça a estas Senhoras, são já muitos os baptizados e casamentos, de homem e mulher que vivem juntos, já com filhos, e sem casa



união ter sido sagrada pelo Matrimónio.

Carlos Manuel Trindade

Venda do Jornal

EM AVEIRO

Com respeito a um artigo que escrevi para o Gaiato de 13 de Dezembro de 1958, e no qual narrava algumas factas da minha venda em Aveiro, tive um rescaldo, aliás sem importância. No pouco que o dito artigo continha, empreguei o nome de alguns senhores, que têm contribuído para que nada me falte, até mesmo o carinho.

Uma quinzena passara, quando fui abordado por alguns senhores, que me felicitavam, mas, em seguida, me diziam: «Era escusado pôres lá nomes». Compreendo. Fui atrevido! Mas já alguém me disse. Uma palavra tem sempre um amigo para declarar as suas confidências.

Aqui está o ponto onde eu queria chegar. Fui atrevido sem dúvida, mas uma pessoa só pode conter um segredo por algum tempo, ao fim acaba por desabafar. Eu contive a minha gratidão até onde me foi possível contá-la mas depois, depois de tanto labutar para que o meu segredo ficasse inviolável acabei por ceder à forte tentação de o divulgar, e, nesta altura, encontrei o Gaiato como melhor amigo para tais factos.

Alberto de Oliveira Ramada

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

UM RECADO: Os senhores não estranhem de, ultimamente, omitirmos a publicação dos donativos. É que a falta de espaço não deixa. No entanto temos o prazer de comunicar que chegou tudo quanto mandaram, desdo dinheiro a roupas. Obrigado. E mais: a vossa generosidade foi tamanha — graças a Deus! — que estamos à beira de contas em dia!

PEQUENOS AUXÍLIOS: Do que nos dão, mai-lo do que nos dá a Casa (a maior parte...), têm sido reparadas algumas casas dos nossos Pobres.

A propósito: Sobretudo em freguesias pouco abonadas, esta feliz modalidade é de uma eficácia a toda a prova. Isto é, na impossibilidade de se proporcionar à maioria uma casa nova e digna, é muito mais fácil e rendoso — e até urgente — obter o que for possível. Assim, o Pobre não sai do seu lugar, nem da sua gente ou dos seus vizinhos. Não há deslocção. E vive mais contente.

Júlio Mendes

para estar um pouco connosco. Para nós, foi sempre um bom irmão mais velho, enquanto foi chefe; para com a Obra, foi sempre um bom filho e continuará a sê-lo para poder ser um bom pai.

Falou também, em representação dos Rapazes do Lar de Coimbra, neste dia aqui presentes, o Machado que está também casado e no meio de vivas e grande animação se passou o resto deste memorável dia para todos nós.

Oxalá sejam sempre dignos um do outro, marido e esposa, e que Deus lhes conceda muitas alegrias e felicidades por muitos anos e bons.

Carlos Manuel Trindade

LAR DE COIMBRA

Já por três vezes que acompanhei umas Senhoras na visita aos Pobres que com tanto amor socorrem. E sempre que tenho ido, para mim, têm sido lições que me deixam perturbado. Estou longe de imaginar e compreender toda a amargura, todo o sofrimento, abandono e miséria daqueles seres humanos, (que al'ás quase o não parecem) que tenho ido visitar ultimamente. Os nossos animais vivem em cortelhas mais decentes, limpas e confortáveis que as barracas daqueles Pobres da Carvalheira.

A acção benfazeja que estas senhoras vêm praticando é uma outra lição para quantos as queiram seguir. Eu até me regalo de ver o amor o carinho com que tratam os seus socorridos.

No domingo anterior ao Natal, lá fomos uma vez mais, as Senhoras e eu. Estava um dia de chuva, mas não impediu que se realizasse a visita. Estas Senhoras não se poupam a esforços e sacrifícios, nem temem o frio ou a chuva porque são movidas pelo verdadeiro amor aos Pobres, vendo neles o próprio Senhor Jesus. A nossa Opel ia carregada de géneros, roupas, calçado, colchões, um mundo de coisas que haviam conseguido arranjar. A carga era grande mas foi ainda muito pequena para tanta necessidade.

Chegados ao local, acorreram alguns pobres à espera da sua esmola. Nos rostos dos homens lê-se o desânimo e a fome. As mulheres vêm com um magote de filhos ao colo e agarrados às saias, semi-nús, cabelos compridos e desgrenhados, sujos de lama que é uma coisa horrorosa.

Não pretendo, evidentemente, pintar aqui nenhum quadro, mas queria que todos, se pudessem, fossem ver como vivem tantos dos nossos irmãos na Carvalheira e em mais arrahaldes da cidade onde eles tanto me têm impressionado.

Uma das Senhoras, nesse dia, foi vestir as roupas que levava a um pequenino. Que contente ele estava!... E que quentinho!... Como ele sorria do satisfeito! Até parecia outro.

Bendito seja Deus!

Padre Horácio

P. S.) De tanto rolar, ao serviço dos Pobres, a nossa Opel chegou aos 70.000 quilómetros. Batemos lá porta do Senhor do costume e o acto repetiu-se: velha por nova, — e mais nada!

A diferença na transacção, foi pró livro da Eternidade.